

**SOBRE A DIFICULDADE DE AMAR AO  
PRÓXIMO EM  
“A CARTA DE VALERIE” NA GRAPHIC NOVEL  
“V DE VENDETTA”**

**Danilo Linard**

Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), pesquisando a obra do poeta paraibano Augusto dos Anjos (1884-1914), sob orientação do professor Dr. Francisco Régis Lopes Ramos. É Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Graduado em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: [danilo.linard@bol.com.br](mailto:danilo.linard@bol.com.br)

**SOBRE A DIFICULDADE DE AMAR AO PRÓXIMO EM “A CARTA DE VALERIE” NA GRAPHIC NOVEL “V DE VENDETTA”**

**ON THE DIFFICULTY OF LOVING THY NEIGHBOUR IN THE “VALERIE’S LETTER” IN THE GRAPHIC NOVEL “V FOR VENDETTA”**

Danilo Linard

**RESUMO**

Neste exercício teórico procuramos fazer um contraponto entre algumas teses e pressupostos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman sobre as dificuldades de amar o próximo com a trama da graphic novel “V de vendetta”, escrita por Alan Moore na década de 1980. Nosso intento é colocar em discussão temas vigentes em nossa sociedade dita pós-moderna que, apesar de globalizada e interconectada, convive ainda com problemáticas tais como o (des)respeito à pluralidade, o extermismo/autoritarismo político-social e a intolerância contra minorias étnicas, religiosas ou de gênero. Acreditamos que essa articulação pode ajudar na compreensão das teses do autor, ao passo em que promove reflexões acerca das relações vividas ao nosso redor e em nosso tempo histórico.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Bauman; amor ao próximo; História; Graphic Novels; V de vendetta;

**ABSTRACT**

In this theoretical exercise, we seek to make a counterpoint between some thesis and assumptions of the polish sociologist Zygmunt Bauman on the difficulty of loving thy neighbour with the plot of the graphic novel “V for vendetta”, written by Alan Moore in the 1980s. Our intent is put in discussion topics prevalent in our society defined as post-modernist that, although the globalization and interconnection, still lives with problems like disrespect of plurality, extremism/authoritarianism political and social and intolerance against minorities ethnics, religious and gender. we believe that this articulation can help in understanding of the Bauman’s thesis, suggesting yet some reflexions about the social relationships around us and in our historical time.

**KEY-WORDS:**

Bauman; Loving they neighbour; History; Graphic Novels; V for vendetta;

## INTRODUÇÃO

Procurando problematizar novas fontes de pesquisa e almejando aprofundar a perspectiva interdisciplinar que há algumas décadas vem marcando o campo dos estudos históricos, tentaremos articular neste trabalho os pressupostos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-atual) com o argumento presente na Graphic Novel “V de Vendetta”, escrita e publicada na Inglaterra durante os anos 1980 e no Brasil no início dos anos 1990.

Nessa articulação tentaremos colocar em discussão, a partir da trama dessa história em quadrinhos, como Zygmunt Bauman reflete sobre o postulado de “amar ao próximo como a si mesmo” em nosso contexto histórico dito (pós)moderno, na medida em que, segundo o autor, atualmente vivemos numa sociedade cuja lógica é diametralmente oposta à esse pressuposto que se apresenta como um imperativo a ser seguido.

Na primeira seção, intitulada “**As Histórias em Quadrinhos: Indicativos para uma Problematização**”, apresentamos passos iniciais para uma abordagem com as Histórias em Quadrinhos enxergadas enquanto possíveis fontes de pesquisa para o historiador, qualquer que seja seu campo de atuação. Enquanto produto humano, uma História em Quadrinhos carrega toda uma gama de significações e sentidos históricos que remete ao seu contexto de produção, nos fornecendo um ponto de vista sobre sua época ao passo em que contribui na constituição de sua ordem discursiva. Nessa seção serão indicados, também, algumas obras referenciais básicas nesse campo de estudos ao mesmo tempo em que faremos a apresentação da trama da Graphic Novel que iremos problematizar neste trabalho.

Na segunda seção, intitulada “**Amor ao Próximo, (In)tolerância, Liberdade e Dignidade em A Carta de Valerie**”, discutiremos de forma mais pormenorizada algumas das teses de Bauman confrontando-as com três capítulos presentes na série de quadrinhos “V de Vendetta”, cuja trama, em nossa interpretação, relaciona-se em parte com a reflexão que Bauman incita.

Evidentemente, várias questões podem ser exploradas, seja nos aspectos políticos, sociais ou culturais. Contudo, procuramos nos manter no âmbito da discussão proposta em vistas dos moldes deste trabalho. Acreditamos na fecundidade da discussão, assim como na articulação entre história, sociologia e, em específico, no uso das histórias em quadrinhos como geradora de motes para pesquisa e discussão. Ao final deste trabalho, apresentaremos algumas conclusões – parciais – esperando contribuir na discussão em comento.

## AS “HISTÓRIAS EM QUADRINHOS”: INDICATIVOS PARA UMA PROBLEMATIZAÇÃO

Com a ampliação do que se entendia por fonte de pesquisa histórica, promovida pelos historiadores ligados ao movimento dos Annales, nas primeiras décadas do século XX, praticamente todos os registros humanos passaram a ser considerados como fontes em potencial, não somente documentos escritos emanados das esferas oficiais do Estado.

A quase totalidade dos campos de estudos em história tiveram, assim, seu horizonte de pesquisa extremamente ampliado. Seja no campo da história política, passando pela história econômica, na história social, na história das religiões e, como não podia deixar de ser, na história cultural, os historiadores passaram a explorar domínios e agentes históricos cada vez mais múltiplos, colocando em cena sujeitos históricos antes esquecidos, marginais. Isto se acentua, sobretudo, quando o historiador (seja qual for seu campo de estudo) se alia interdisciplinarmente com outras ciências, teorias e conceitos (BARROS, 2009).

No âmbito da nova história cultural os objetos de estudo privilegiados não foram apenas as grandes obras da literatura universal, os pensadores de maior vulto e os principais sistemas de pensamento. Os olhares voltaram-se, também, para os produtores de cultura das camadas mais populares e suas atuações nos mais variados domínios.

Renovando-se e ampliando-se, assim, os estudos históricos, todo um complexo de registros humanos passou a chamar a atenção do historiador cultural: cartas e diários íntimos, obras de arte de autores não tão conhecidos (ou populares), cosmovisões específicas de certos indivíduos ou grupos, ganharam, assim, mais visibilidade. Dois dos colaboradores nesse esforço de renovação das pesquisas, por exemplo, foram o historiador francês Roger Chartier (1992), com suas noções de representações, práticas e apropriações, como também, o italiano Carlo Ginzburg (2006) que fez uso do conceito de “circularidade cultural” de Mikhail Bakhtin, problematizando as possibilidades do método indiciário (GINZBURG, 1989).

Nesse movimento de ampliação e exploração de novos registros humanos como fontes de pesquisa histórica, nos chama atenção a utilização de uma certa forma de literatura, a saber, as Graphic Novels (em tradução livre “romances gráficos”) muitas vezes confundidas com as “histórias em quadrinhos” (ou HQ’s) mais infantis. Evidentemente esse tipo de escrita apresenta distâncias e aproximações com a literatura em suas formas tradicionais, mas não nos deteremos na discussão dessas distâncias aqui.

O que nos chama a atenção nas histórias em quadrinhos definidas como Graphic Novels é a progressiva complexidade dos temas nelas abordados, o que as diferencia radicalmente das histórias em quadrinhos “infantis”, como, por exemplo, a “Turma da Mônica”. Os “Romances Gráficos” se aproximam tematicamente da política, da mitologia, das discussões e dilemas éticos, enfocando e representando, também, fatos históricos e cenas do cotidiano.

Exemplos de Graphic Novels desse tipo são: *From Hell* (“Do Inferno”) de Alan Moore e Eddie Campbell, que aborda a história/lenda do serial killer inglês Jack, o Estripador; *Watchmen* (“Os Vigilantes”) também de Alan Moore, discutindo a Guerra Fria; a saga “*Sandman*” de Neil Gaiman, abordando várias mitologias; o HQ “300”, de Frank Miller, que revisita a batalha dos espartanos liderados pelo rei Leônidas nas Termópilas. Uma das mais emblemáticas, nesse sentido, é “*Maus*”, de Art Spiegelman, que elabora sua trama em quadrinhos a partir da configuração das memórias de seu próprio pai, sobrevivente dos campos de concentração nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

A bibliografia em relação ao assunto, sobre a linguagem, a pesquisa e a utilização das Graphic Novels/Histórias em Quadrinhos como fonte de pesquisa e instrumento didático em sala de aula, tem se multiplicado, podendo-se encontrar livros mais ou menos aprofundados sobre o assunto. Entre eles podemos citar: “*Narrativas Gráficas*” e “*Quadrinhos e Arte Sequencial*”, de Will Eisner (2005/1989), que abordam a especificidade da linguagem dos quadrinhos e “romances gráficos”, sobretudo a relevância do elemento gráfico como colaborador na própria narrativa. Nessa mesma trilha analítica, citamos o livro “*A Leitura dos Quadrinhos*”, de Paulo Ramos (2009), empenhado em detalhar elementos dessa linguagem.

Outro exemplo clássico nesse domínio é a trilogia de Scott McCloud “*Desvendando Quadrinhos*” (1995), “*Reinventando Quadrinhos*” (2006) e “*Desenhando Quadrinhos*” (2008), célebre por abordar a linguagem dos quadrinhos e seu potencial representativo recorrendo à essa mesma linguagem, ou seja, cada um desses livros são escritos como verdadeiras histórias em quadrinhos.

Para a nossa problemática, escolhemos a série “*V de Vendetta*”, escrita por Alan Moore (1953-atual) e desenhada por David Lloyd (1950-atual). A série, em sua totalidade, é constituída por três tomos e soma, na edição brasileira, publicada pela Panini Comics, mais de 300 páginas, fundindo na trama elementos e alusões ao momento histórico então vivido com o

complexo universo elaborado para dar suporte e verossimilhança à narrativa, além de fazer inúmeras referências tanto ao pensamento anarquista quanto à literatura distópica, sobretudo ao livro “1984”, de George Orwell.

O universo ficcional que suporta a trama foi maturado entre 1981 e 1988, quando o roteiro final que encerraria a série havia sido terminado. À título de informação, a obra foi produzida, portanto, sob a sombra da Guerra Fria, que se desenrolava desde fins da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), colocando em oposição velada as potências americana e soviética, cada qual liderando um grupo de influência, enfrentando-se indiretamente através de conflitos localizados, como por exemplo, na Guerra do Vietnã e na Invasão do Afeganistão pela União Soviética, em 1979. Nas palavras de Alan Moore, na introdução da edição brasileira de “V de Vendetta”, o autor explica seu receio em relação ao contexto histórico britânico no qual vivia:

Estamos em 1988 agora. Margareth Thatcher está entrando em seu terceiro mandato e fala confiante de uma liderança ininterrupta dos Conservadores no próximo século. Minha filha caçula tem sete anos, e um jornal tablóide acalenta a idéia de campos de concentração para pessoas com AIDS. Os soldados da tropa de choque usam visores negros, bem como seus cavalos; e suas unidades móveis tem câmeras de vídeo rotativas instaladas no teto. O Governo expressou o desejo de erradicar a homossexualidade até mesmo como conceito abstrato. Só posso especular sobre qual minoria será alvo dos próximos ataques. Estou pensando em deixar o país com minha filha em breve. Esta terra está cada vez mais fria e hostil, e eu não gosto mais daqui! (MOORE, 2006, p.08).

A trama de V de Vendetta apresenta um contexto de profunda distopia. Após um conflito nuclear cujas proporções não ficam claras na narrativa da HQ, a economia, a política e a sociedade inglesas se desestabilizam, apesar da Inglaterra não ter sofrido nenhum ataque nuclear em seu território. Em meio ao cenário conturbado, ascende ao poder, em 1992, um partido conservador de extrema direita chamado Norsefire (Nórdica Chama), que, com apoio da alta hierarquia da igreja, estabelece um regime com claras cores totalitárias/fascistas.

As principais características do regime então implantado são: suspensão dos direitos civis mais básicos; instauração de uma polícia política secreta, os “Fingers” (ou “Dedos”) e de um forte aparato de propaganda e de um sistema de informações, inclusive promovendo prisões sem acusação formal contra pessoas consideradas “subversivas”; utilização em grande escala de uma rede de vigilância pública via câmeras de vídeo, assim como de uma vasta rede de escutas para patrulhar o que é dito no interior das próprias residências civis, eliminando toda e qualquer privacidade; controle total da mídia televisiva e

radiofônica por parte do Estado, que censura de antemão toda e qualquer notícia veiculada, tudo de acordo com a vontade do Chanceler Adam James Susan que chefia o governo, vitaliciamente, ocupando o antigo cargo de primeiro-ministro britânico.

A sociedade civil fragilizada aceita tacitamente as medidas de tal regime, por medo de novos ataques e pelas promessas de restauração da ordem: trocam, por medo, sua liberdade, em nome de uma falsa segurança, que não passa de coação. Abaixo de cada câmera de vigilância nas ruas havia a placa “Para sua Proteção”; em cada parede da cidade, o slogan do regime: “Força através da Pureza, Pureza através da Fé” (MOORE, 2006, p.13).

Tal cenário começa a ser perturbado pelo aparecimento de um agente que luta contra esse regime, um indivíduo conhecido apenas pelo codinome “V”. Este procura reacender na sociedade o desejo por uma real liberdade e pela reação contra esse regime que desrespeita todo e qualquer direito civil ou humano, o Governo justificando-se por uma constante “propaganda de medo”. Esse indivíduo rapidamente é rotulado pelos círculos midiáticos como um perigoso terrorista, inimigo “número um” do Estado.

Para não ser reconhecido, e visando tornar-se um símbolo de resistência, veste-se de negro e utiliza uma máscara estilizada de um popular personagem histórico britânico, Guy Fawkes (1570-1606). Esse personagem histórico, comungando na fé católica, participou da “Conspiração da Pólvora” (1605), que visava assassinar o rei protestante Jaime I e os membros do Parlamento. Como a conspiração fora desmantelada, Fawkes foi preso por traição, sendo enforcado. Anualmente, no dia 5 de novembro, “comemoram-se” tal fato queimando em fogueiras bonecos que representam Fawkes e os demais membros da conspiração falida, que tiveram tal sentença de morte.

Ainda de acordo com a trama, o personagem “V” representa o direito inalienável de todo e qualquer indivíduo expressar sua opinião e opor-se a qualquer forma de governo que desrespeite o bem-estar da sociedade (mesmo fazendo uso de violência, como, por exemplo, no caso de militância armada). O ato inaugural do personagem “V” na narrativa do quadrinho é, justamente, a explosão das casas do Parlamento Inglês, visto como símbolo do conservadorismo radical do governo vigente.

Assim, procura incutir na sociedade civil esse desejo por mudança e reação contra esse regime fascista, totalitário e opressor, que se alimenta do medo das pessoas que deveria

em tese representar e proteger, ao invés de ameaçar e coagir. “V” anuncia que um ano após a explosão do Parlamento, vai apresentar-se publicamente e, junto com a população civil, derrubar o governo.

Nesse ínterim, “V” realiza um tipo de vingança particular (vendetta em italiano) que se relaciona com uma das práticas que levaram o NorseFire ao poder: a criação de campos de concentração, onde eram presos todos os opositores do partido, sobretudo homossexuais, negros, imigrantes, políticos de outras orientações e não-cristãos. Nesses campos, além do extermínio sumário, os prisioneiros eram submetidos à experiências médicas/químicas. O personagem “V”, vítima dessas experiências, buscava vingança contra os responsáveis pelo campo, ligados ao Governo. Esse personagem ficava cativo justamente na quinta cela, marcada com algarismos romanos. Por isso adota a letra “V” como codinome.

Após essa rápida explanação da trama central desse “romance gráfico” o cerne de nossa discussão refere-se a um pequeno recorte que fizemos. Dos capítulos que compõem a obra, escolhemos três deles (os capítulos 11, 12 e 13, respectivamente, “Valerie”, “Veredicto”, e “Valores”), presentes no segundo tomo da obra para fazer um contraponto com as teses de Bauman sobre as dificuldades de amar o próximo.

### **AMOR AO PRÓXIMO, (IN) TOLERÂNCIA, LIBERDADE E DIGNIDADE EM “A CARTA DE VALERIE”**

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-atual) dedicou grande parte de sua obra à reflexão das relações entre os indivíduos no contexto histórico dito “pós-moderno”, caracterizado pelo autor como “líquido”. Dialogamos, aqui, com um de seus textos, no qual problematiza o pressuposto de “amar ao próximo como a si mesmo”, segundo ele lógica primeira da vida social e, paradoxalmente, o oposto à racionalidade da vida (pós)moderna.

A constatação dessa contradição já se faz presente, segundo Bauman (2004, p.97), em Freud, em seu livro “O Mal Estar da Civilização”. Conforme o pressuposto de “amar ao próximo...”, as pessoas devem respeitar-se mutuamente. Por mais diferentes que duas pessoas possam parecer, ambas são seres humanos, não havendo nenhum a priori “natural” que “desqualifique” um perante o outro segundo categorias como “inferior” e “superior”. “Amar ao próximo como a si mesmo” impõe-se como um imperativo ético. Problematizando essa

questão do amor ao próximo, Bauman coloca a discussão: “por que devo amar ao próximo?”. Desta deriva outra questão “O que se ganha com isso”?

Na trama do quadrinho, Evey Hammond, “associada” ao personagem “V”, é presa e conduzida de sua cela para uma sala de interrogatório por soldados que parecem fiéis ao regime, sob xingamentos e agressões. Um vídeo é mostrado no qual Evey, que não tinha mais do que 16 anos, e que vivia uma situação socioeconômica precária, tenta, de maneira desajeitada, insinuar-se como prostituta para um homem na rua. Este era um policial do “Dedo” o qual, chamando seus companheiros, preparam-se para violentá-la. Surge então “V” que a salva e mata três dos cinco homens que ameaçavam estuprá-la. O vídeo capta tudo. Para escapar dessa polícia política Evey teve que acompanhar “V”. Por isso é acusada como cúmplice, sendo pressionada a fornecer qualquer informação a respeito do paradeiro de “V”.

De acordo com Bauman, por mais contraditório que seja o pressuposto de “amar ao próximo como a si mesmo”, ele deve ser levado à cabo nem que seja mediante um “ato de fé” (BAUMAN, 2004, p.98). Entretanto, em sua problematização, Bauman soma outra reflexão a esse pressuposto: amar ou não o próximo implica em consequências morais. Condição necessária e original para a própria vida em sociedade, amar ao próximo, para a realidade humana, é mais do que um instinto de sobrevivência. Deve-se procurar em si mesmo algo que, amando em “mim mesmo” eu deva amar e, sobretudo, preservar no outro: amo no próximo o que eu amo em mim mesmo, a recíproca devendo ser verdadeira.

Na situação narrada no quadrinho, esse pressuposto do “amar ao próximo” está completamente ausente. Os soldados que coagem e agridem a personagem Evey não foram pessoalmente ofendidos por ela de nenhuma forma: agridem a sua pessoa porque cumprem ordens: não é “nada pessoal”. Como citamos, no regime que essa obra ficcional apresenta, marcado por um moralismo radical e por um estado fascista/totalitário, a insinuação em direção a prostituição, esboçada por Evey Hammond, mesmo não tendo sido consumada, é considerada crime maior do que aquilo que os agentes do “Dedo” (a polícia política) iriam praticar contra ela. Soma-se à isso seu relacionamento com “V”. Conforme Bauman,

Amar ao próximo como amamos a nós mesmos significaria então respeitar a *singularidade* de cada um – o valor de nossas diferenças, que enriquecem o mundo que habitamos em conjunto e assim o tornam um lugar mais fascinante e agradável, aumentando a cornucópia de suas promessas. (BAUMAN, 2004, p.101)

Evey recusa-se a falar o que sabe a respeito de “V”, até mesmo porque não sabia muita coisa: embora tivesse convivido com ele por aproximadamente um ano, o mistério permanecia. As torturas físicas e psicológicas sobre ela aumentam progressivamente: tem seus cabelos, até então longos, cortados e raspados; constantemente tem seu rosto “afogado” num tambor cheio d’água. Após cada sessão de tortura, retornava para sua cela escura, insalubre e úmida. Um rato que entra na cela por um buraco na parede é sua única companhia.

Bauman, criticando a atual organização de nossa sociedade (pós)moderna, enfatiza que a constante prática de atos desumanos, como, por exemplo, aqueles perpetrados durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), cada vez menos têm o poder de nos “chocar”: “o grau de desumanidade”, segundo Bauman, é medido pelo número de vítimas que são atingidas. Por mais desumano que possa ser um ato praticado contra uma única pessoa, este não nos chocará tanto quanto se fosse praticado contra milhares ou milhões.

Em relação à trama descrita no quadrinho, isso parece, de certo modo, prevalecer: Evey é apenas “uma” pessoa. Na escala da desumanidade o que conta, o que pode nos chocar, é o número, a quantidade. Bauman, reforçando seu argumento, cita o bloqueio militar imposto pelos americanos contra o Iraque, bloqueio este legitimado, segundo palavras de Madeleine Albright, membro do governo americano, como sendo “uma escolha difícil de fazer”. Contudo, em relação ao número de vítimas indiretas que faria, ela pondera: “Achamos que era um preço que valia ser pago” (BAUMAN, 2004, p.102). Logo, o pressuposto do “amar ao próximo como a si mesmo” impele a considerações morais, no sentido em que pode legitimar se aquilo que “nós” fazemos contra os “outros” ou o que os “outros” fazem contra “nós” é justo em si mesmo, ou não, isto é, se possui legitimidade moral, se é “um preço que vale...”.

No referido quadro da trama do quadrinho que analisamos o que vemos é: um indivíduo, por alguma razão supostamente válida no sentido moral para alguém (no caso, o Governo), tem sua dignidade enquanto ser humano totalmente negada: é presa, alimentada precariamente, torturada física e psicologicamente. Nas palavras da Bauman, “a negação da dignidade humana deprecia o valor de qualquer causa que necessite dessa negação para afirmar-se a si mesma” (BAUMAN, 2004, p. 103).

Em “V de Vendetta”, o personagem “V” faz uso da violência contra aqueles que, em sua ótica, promovem esse contexto de “terrorismo estatal”, através de uma propaganda de medo e de uma política fascista de coerção. Ao contrário da afirmação de Bauman, “V”

enxerga como moralmente legítimo seu recurso à violência como sendo uma forma de resgatar a dignidade da sociedade civil então “dispersa”, desacreditada e coagida pelo regime.

Na perspectiva de Bauman, a defesa da dignidade, da singularidade humana, não deve prescindir de um imperativo moral: não se deve negar o outro para afirmar a si mesmo. É o que o autor critica contrapondo duas narrativas que abordam o tema da sobrevivência: A “Lista de Schindler”, de Spielberg e “Korczak”, de Andrej Wajda, ambos enfocando o período de perseguição aos judeus durante a guerra. A ideia de “sobreviver a qualquer custo”, na ótica de Bauman, é presente na trama de Spielberg, a qual reforça essa tese, que, para o autor, “tem pouca utilidade” (BAUMAN, 2004, p.105).

Na narrativa de Spielberg, há o esforço de Oskar Schindler em salvar um grupo de judeus que trabalhavam em sua fábrica, ao passo que no filme de Wajda, vemos Janusz Korczak, um pedagogo que acompanhou um grupo de duzentas crianças, desde a deportação para o gueto de Varsóvia até o campo de concentração de Treblinka, famigerado pelo número imenso de vítimas que ali pereceram nas câmaras de gás. Ele morreria junto com seus alunos.

Segundo Bauman, a narrativa de Spielberg seria mais “pobre” no sentido em que o esforço de Schindler, numa dada cena, era para salvar “aquele” judeu específico, não “todos” os judeus, fomentando a ideia da sobrevivência de uns sobre os outros: “a sala de cinema lotada irrompe em aplausos quando Schindler consegue tirar seu mestre-de-obras de um trem pronto a partir para Treblinka. Não importa que o resto dos passageiros dos vagões de gado vá terminar sua jornada nas câmaras de gás” (BAUMAN, 2004, p.106).

A crítica de Bauman é dura e tem como alvo a ideia de que, para a sobrevivência, o que importa é o “ardil”, a estratégia, a “astúcia” do mais forte sobre o fraco. Cabe refletir de passagem que, entre salvar um indivíduo/um grupo e salvar “o maior número de pessoas possíveis”, implicaria na ampliação da margem de risco da “ação de salvamento”, que poderia culminar no embate, no recurso à violência ou à sabotagem, para impedir o trem de partir.

Na trama de “V de Vendetta”, Evey, trancada em sua cela, reflete: “Estou numa cela, e tem um rato ali; só que, agora, ele não me incomoda...porque somos iguais” (MOORE, 2006, p.155-156). Pela manhã, quando acorda, Evey encontra, saído pelo buraco por onde o rato entra, uma carta, que parece ter sido “empurrada” por alguém da cela ao lado. Ao passo

que as torturas físicas e psicológicas praticadas contra Evey se tornam constantes, mais ela encontra forças na carta que chegou à sua cela, de uma estranha que nunca conhecerá.

Numa situação moral extrema, na qual a própria vida é colocada em risco, Bauman pondera que a vitimização não é o caminho que conduz à redenção moral. Aceitar passivamente, como também, transformar-se de vítima em agressor, não resolve o impasse. Na trama do quadrinho, Evey começa a ler a carta após retornar de cada sessão de tortura:

Eu não sei quem você é. Por favor acredite. Não há como convencê-lo de que isto não é mais um truque deles. Mas não importa, eu sou eu e não sei quem você é, mas Te Amo. Tenho um lápis, bem pequenininho, que eles não encontraram. Sou uma mulher. Escondi dentro de mim. Talvez não possa escrever de novo, por isso, esta será uma carta muito longa sobre minha vida. É a única autobiografia que vou escrever e, oh Deus, estou escrevendo num papel higiênico. (MOORE, 2006, p.156).

Analisando, portanto, os argumentos de alguns pensadores, Bauman descarta, por exemplo, que haja uma propensão natural no ser humano para desconfiar dos “estranhos”, apesar de que nos tempos atuais, a “desconfiança” em relação ao outro é reforçada por certos veículos midiáticos, tais como programas de TV tipo “Big Brother”, “Survivor” e “The Weakest Link” (BAUMAN, 2004, p. 109).

Na Carta de Valerie, Evey é tomada de assalto pela narrativa de alguém que afirma “amá-la” mesmo que não a conheça e que nunca irá conhecer, simplesmente por ela ser um ser humano. Evey continua a ler a carta dessa pessoa que não conhecia, mas que a amava apenas por estarem na mesma situação, próximas, uma na cela ao lado da outra:

[Valerie diz:] Eu nasci em Nottingham, em 1957, chovia um bocado, passei no teste de avaliação e fui para uma escola feminina. Eu queria ser atriz. Conheci minha primeira namorada na escola. Seu nome era Sara. Tinha catorze anos e eu, quinze. Nós duas estávamos na sala da Sra. Watson. Suas mãos...eram lindas. Na aula de biologia, contemplando o feto de coelho no jarro de pickles, fiquei ouvindo a Sra. Hird dizer que isso era uma fase da adolescência, que as pessoas superam. Sara superou. Eu não. Em 1976, parei de fingir e levei uma namorada, Christine, pra conhecer meus pais. Uma semana depois, fui pra Londres e me matriculei na escola dramática. Mamãe disse que parti o coração dela...mas minha **integridade** era mais importante. Isso é egoísmo? Pode não ser muito, mas é tudo que nos resta aqui. São nossos últimos centímetros...mas, neles, nós somos livres. (MOORE, 2006, p.158).

Na descrição exposta em “A carta de Valerie” percebemos como esse pressuposto de amar ao próximo como a si mesmo é negado, como o “outro” é transformado em “algo” a ser isolado, combatido. Na trama do quadrinho o simples fato de sua opção sexual ser diferente da maioria a tornaria um “perigo” à sociedade, posto que, numa perspectiva moralista simplista e radical, a degeneração da sociedade derivaria, primeiro, da degeneração

dos costumes e das instituições mais “sagradas” e “naturais”, como, por exemplo, a família nuclear heterossexual, tal como se esta fosse invariável ao longo da história.

A singularidade de cada um, que deveria ser aceita (desde que não faça mal a outrem), é brutalmente negada. Na narrativa da “Carta de Valerie” seu desejo em manter-se fiel à sua opção sexual e à sua busca por felicidade a faz duvidar de si mesma: esperar que os outros a aceitassem como ela era ou desejava ser era apenas egoísmo? Evey continua lendo a carta, dia após dia, tortura após tortura:

[Valerie diz:] Londres. Eu era feliz em Londres. Em 1981, interpretei Dandini em Cinderela. Meu primeiro trabalho profissional. O mundo era estranho, farfalhante e conturbado, com platéias invisíveis por trás das luzes quentes e ofegante glamour. Era excitante e, ao mesmo tempo, solitário. À noite, eu ia ao Gatewar ou outras casas noturnas, mas eu era bem retraída e não me misturava facilmente. Eu via de tudo, mas nunca me senti confortável. Lá, havia muitos que só queriam ser Gays. Era a vida deles. Sua ambição. Era só disso que falavam e eu queria mais do que aquilo. O trabalho evoluiu. Consegui pequenos papéis em alguns filmes. Depois maiores. Em 1986, participei do **As Dunas de Sal**. Ganhou todos os prêmios, mas não o público. Conheci Ruth trabalhando nele. Nós nos amávamos. Fomos morar juntas. No dia dos namorados, ela me mandava rosas. E, Deus, tínhamos tanto. Foram os três melhores anos da minha vida. Em 1988, houve a guerra...depois disso, não houve mais rosas. Pra ninguém. (MOORE, 2006, p.159-160).

Todos os laços sociais, segundo Bauman, dos mais coletivos aos mais particulares, individuais, padecem nessa liquidez (pós) moderna: os relacionamentos pessoais parecem dotados de um curtíssimo prazo de validade, gerando “parcerias frouxas” (BAUMAN, 2004, p.112). No âmbito coletivo, a sensação é de falta de controle: aquilo que acontece “fora de mim” escapa por completo de minha intervenção. “A Experiência individual aponta obstinadamente para o eu como o eixo mais provável da duração e da continuidade procuradas com tanta avidez” (BAUMAN, 2004, p.113).

Em meio ao cenário turbulento que precedeu a ascensão do partido fascista “Nórdica Chama” na trama do quadrinho, o primeiro universo a sofrer sua intervenção é o particular, o individual: tudo seria colocado sobre a sombra vigilante do Partido, que queria a si mesmo como porta-voz de uma ordem a ser instituída, maior do que qualquer desejo individual, sobretudo àqueles considerados “imorais” e/ou “amorais”.

Como enfatiza Bauman, a lógica da vida social, alicerçada no pressuposto do “amor ao próximo” impele a considerações morais e toda discussão sobre o que é moral ou não é problemática. Por quê o fato de Valerie ser lésbica deve promover a negação de sua dignidade enquanto ser humano, mediante uma “condenação” a priori?

Na lógica do universo proposto por Alan Moore, imoral é, justamente, aquele comportamento que vem negar a liberdade do outro. A condição da realidade humana é a liberdade: o partido que impõe seu regime, através do medo e da coerção, supostamente em nome da segurança, da moral e dos “bons costumes” (valores etéreos e que não são descartados por aqueles que querem viver em liberdade), nega o direito primordial da sociedade civil em escolher seus próprios rumos, seu próprio destino: a vontade que se impõe como correta é aquela emanada das esferas do Partido e da vontade de seu líder.

Na carta, Valerie descreve como teria sido a vida nos momentos imediatamente subsequentes à ascensão ao poder do Partido “Nórdica Chama”:

Em 1992, depois que tomaram o poder, começaram a prender os homossexuais. Levaram Ruth enquanto ela procurava comida. Por que eles têm tanto medo de nós? Queimaram Ruth com pontas de cigarro e forçaram a coitadinha a dar nomes. Ela assinou uma declaração de que foi seduzida por mim. Eu não a culpei. Eu amava Ruth, não podia culpá-la. Mas ela sim. Ruth se matou em sua cela. Não pôde viver depois de me trair, após ceder seus últimos centímetros. Oh, Ruth...Eles vieram me buscar. Disseram que todos os meus filmes seriam queimados. Rasparam meu cabelo. Meteram minha cabeça numa privada e fizeram piadas sobre lésbicas. Fui trazida pra cá. Não sinto mais minha língua e nem posso falar. A outra lésbica daqui, Rita, morreu duas semanas atrás. Acho que vou morrer logo também. É estranho que minha vida possa acabar neste lugar horrível, mas, por três anos, eu recebi rosas e não tive de prestar contas a ninguém. Eu vou morrer aqui. Cada centímetro meu morrerá aqui...exceto um. (MOORE, 2006, p.161).

Na trama do quadrinho, a personagem Evey Hammod, enquanto está presa, é acusada por insinuar comportamento de prostituição. Contudo, é acusada formalmente não por isso. A acusação formal reside em sua cumplicidade com o personagem “V”, desde que ele a salvou das mãos dos agentes da polícia política do partido. Na sala do interrogatório, é imposta a Evey a declaração como culpada por acompanhar “V”, (mesmo na impossibilidade de fornecer alguma informação útil contra ele) e a acusação de sua insinuação no caminho da prostituição (que não considera as razões que a fizeram pensar nessa possibilidade, nem avalia o crime que os membros da polícia do partido – os “Dedos” – iriam cometer contra ela), ou a morte. Em outras palavras, numa situação extrema, tendo sua vida em risco, ela é obrigada a fazer uma escolha moral: manter-se fiel a si mesma, ou abrir mão de suas convicções (cada vez mais sólidas ao passo que lia a carta de Valerie).

Conforme Bauman (2004, p. 114), nossa sociedade não é propensa, muitas vezes, à reflexão, sobretudo quando tematiza questões como confiança no outro. Dialogando com autores tais como Emmanuel Levinas e Logstrup, Zygmunt Bauman concorda com eles

quando afirmam que o comportamento moral é intrínseco à realidade humana, mas isso não significa que haja uma moralidade dada a priori e que nos faça escolher sem assumir os riscos da escolha. Toda experiência moral é construída pelos próprios atos dos indivíduos e dos grupos. Com Levinas, afirma que perguntas do tipo:

o que eu ganho com isso? (...) não é o ponto de partida da conduta moral, [argumentando que] ...ações objetivamente boas (...) têm sido (...) realizadas em função do cálculo de lucro (...) esses atos, porém, não podem ser classificados como genuinamente morais precisamente por terem sido assim motivados (BAUMAN, 2004, p.114-115).

No caso da narrativa de Valerie, o que ela apenas queria era viver em consonância com aquilo que acreditava ser correto (seus desejos profissionais, suas opções sexuais) e, pelo que lemos, tais condutas não acarretariam mal a outrem. Sua companheira, Ruth, também presa, por sua opção sexual, pelo regime então estabelecido, assina uma confissão, imposta pelo governo, afirmando ter sido “seduzida” por Valerie: Ruth suicida-se por ter traído, assim, seu grande amor, por ter negado a dignidade e a integridade do relacionamento que viveram e que não fora nocivo à ninguém. Na “Carta de Valerie” percebe-se claramente que ela não abriria mão daquilo que vivera, ou seja, não abriria mão de seu último centímetro de dignidade. Na narrativa, Valerie assim defende esse último refúgio:

(...) É pequeno e frágil e é a única coisa que ainda vale a pena se ter. Não devemos jamais perdê-lo, vendê-lo ou entregá-lo. Não podemos deixar que alguém tire de nós. Não sei quem você é, se é homem ou mulher. Talvez eu nunca o veja, nem te abrace, nem bebamos juntos...mas eu te amo. Espero que consiga fugir daqui. Espero que o mundo mude, que as coisas melhorem, e que, um dia, as rosas voltem. Queria poder te beijar. Valerie. (MOORE, 2006, p.162).

Quando Evey Hammond recebe o ultimato entre escrever a falsa declaração, colocando a culpa totalmente em “V”, nega-se prontamente, pois não havia vivido com ele nada que tivesse sido indigno. Tal como lera na “Carta de Valerie”, Evey decide manter seus “últimos centímetros de integridade”.

Nesse sentido, a dificuldade da questão do “amar ao próximo como a si mesmo” reside no fato de que toda escolha moral é feita numa espécie de indeterminação, de incerteza, pois não há parâmetros fixos, dados de antemão, que orientem tais escolhas: a moralidade é vivida como uma “invenção” e assim, tanto atitudes corretas quanto incorretas do ponto de vista moral são possíveis. “Longe de ser uma ameaça à moral (...) a incerteza é a terra natal da pessoa ética e o único solo em que a moral pode brotar e florescer.” (BAUMAN, 2004,

p.115). Se desdobrássemos o argumento de Bauman, o ato seria ético não pela certeza do seu resultado, da obtenção de um dado “lucro”, mas, sim, pelo caráter justo ao praticá-lo.

O personagem “V”, visto como terrorista pelas autoridades do regime, de fato faz uso recorrente da violência, o que para ele não é nenhuma contradição moral, haja vista que ele utiliza de violência para fazer cessar um contexto de medo e opressão, imposto impiedosamente pelo Partido “Nórdica Chama”. Nas páginas do quadrinho, há indícios de que “V” seria um tipo de anarquista, ou seja, sua luta não é orientada pela ideologia marxista, por exemplo, mas pela crítica contundente do papel do Governo como cerceador da vida.

Ao que parece o personagem “V” não seria necessariamente contra o Estado em si mesmo, mas contra formas de governo que limitam, cerceiam ou não estimulam o desenvolvimento livre daqueles que em tese representam. Não discutiremos o mérito dessas e de outras ideologias políticas. Entretanto, não podemos nos furtar a mencionar o valor que o personagem “V” atribui à liberdade do indivíduo, valor esse inquestionável para ele.

A personagem Evey, após se recusar a assinar a falsa declaração imposta por seus torturadores é sumariamente condenada à morte: “ – Gostaríamos que você assinasse isso para nós, Srta. Hammond. – Não. – Como desejar. Escolte a Srta. Hammond de volta à cela, Rossiter. Ela aguardará enquanto você reúne um pelotão de seis homens. Depois leve a jovem para trás do depósito de produtos químicos e a fuzilem” (MOORE, 2006, p.163). O agente da tortura, logo depois, indaga se Evey não mudou de ideia, oferecendo em troca da declaração assinada, sua liberdade imediata. Evey responde: “ – Obrigada...mas prefiro morrer atrás do depósito.” Assim, o policial que a mantinha cativa e sob tortura afirma, repentinamente: “ – Então, não há mais com que ameaçá-la, não? Você está livre.” (MOORE, 2006, p.164).

Evey sai da cela e descobre, atônita, que tudo não passara de uma “encenação”. Ela não estava presa, mas num tipo de cenário, construído por “V” em seu esconderijo. “V” disfarçou-se de policial, a torturou, xingou, cortou e raspou seus cabelos, com o intuito de fazê-la perceber o valor da liberdade e que nunca se pode negociá-la: que a integridade e a dignidade não devem ser corrompidas, nem sob ameaça de morte. Revoltada a princípio, Evey questiona “V”: “ – Você me torturou...você me torturou. Deus, por que?” Respondendo, “V” afirma convicto: “ – Porque eu te amo. Porque quero te libertar” (MOORE, 2006, p.169).

Bauman, desenvolvendo sua reflexão acerca das possibilidades de se “amar ao próximo...”, insiste e critica o fato de que a negação do outro, do amor ao outro, não pode se sustentar sem consequências nocivas para o indivíduo. Dialogando com Heidegger, insiste no fato de que o ser (Dasein na terminologia heideggeriana) é sempre um “estar aí” e este Dasein tem sempre o Outro como contrapartida, ou seja, o Dasein implicaria no Mit-Sein (o Ser Com). Em outras palavras, Ser é sempre Ser-Com [o outro].

Assim sendo, o Outro é parte mais do que essencial ao que nós somos enquanto indivíduo. Portanto, a negação da realidade objetiva, que me indica o outro como parte de mim mesmo, não deveria ter espaço na vida social. Na lógica dessa negação, “o eu permanece, assim, totalmente do lado receptor. Sofre as ações dos outros em vez de ser um ator por direito próprio” (BAUMAN, 2006, p.117).

Restringir a realidade humana apenas à sua subjetividade individual, nessa lógica de negação da realidade objetiva e, por extensão, do papel do Outro em nossa constituição, parece ser um solipsismo. Apenas a subjetividade do indivíduo é tomada como parâmetro de verdade, tal como se aquilo que existe “fora” dele (de nós) seja mera manifestação de nós mesmos, ou, como se não possuísse força sobre o que nós somos, ou seja, como se não interferisse em nossa própria constituição.

Quando negamos no Outro algo que podemos vir a amar, ou seja, quando por alguma razão, retiramos a dignidade, a singularidade de outrem, tudo aquilo que acontecer com ele não me diz respeito, posto que “eu” é que sou digno, nunca o outro. No caso da trama do quadrinho, tudo aquilo que acontecia aos prisioneiros políticos do regime nos campos de concentração, parecia não dizer respeito à totalidade da sociedade civil, pois tais prisioneiros, parcela dessa mesma sociedade, tiveram sua dignidade e singularidade negadas a priori por uma certa hierarquia moral estabelecida pelo regime e, em certo sentido, acatada pela sociedade, sendo as ideias do próprio regime, o vértice mais elevado de tal hierarquia moral.

A liberdade, para o personagem “V”, é o mais alto valor da realidade humana. Bauman, por seu lado, afirma que a “expressão soberana da vida” que impele à ação, possui como adversário as “expressões constrangidas”, tais como a “ofensa”, o “ciúme” e a “inveja”. Ainda conforme o autor, um traço dessa “expressão constrangida”

É o auto-engano destinado a ocultar as fontes genuínas da ação. (...) o indivíduo tem uma opinião muito elevada de si mesmo para tolerar a idéia de ter agido erradamente e, assim, apela à ofensa para desviar a atenção de seu próprio deslize... Obtendo-se satisfação em ser a parte prejudicada, deve-se inventar erros para alimentar a autocondescendência. A natureza autônoma da ação é (...) suprimida – é a outra parte, acusada da má conduta original, do delito que deu origem a tudo, apresentada como o verdadeiro autor do drama. (...) As ações “constrangidas” precisam negar constantemente sua autonomia (BAUMAN, 2004, p.117-118)

No quadrinho, o governo parece representar essa “expressão constrangida” atribuindo o erro que é seu aos “outros”, às minorias étnicas, políticas ou comportamentais, legitimando, assim, sua perseguição, ao mesmo tempo, ocultando as razões originais de seus atos. Ou seja, recusando a autonomia de sua conduta pensa agir assim não por querer, nunca por escolha, mas porque “tem” que agir dessa maneira. Rejeita a liberdade original de sua ação, assim como, também nega a liberdade de ação dos outros que persegue.

A personagem Evey, a princípio, censura “V” por completo: “ – Me libertar? (...) Será que não vê o que fez comigo? Você quase me enlouqueceu!” ao passo que “V” responde: “ – Esse é o preço, Evey. (...) Você já estava numa prisão. Esteve numa prisão a vida toda. (...) eu não pus você numa prisão Evey apenas mostrei as grades” (MOORE, 2006, p. 170-172).

O personagem “V” indica em nossa interpretação, portanto, que as opressões que muitas vezes testemunhamos não são naturais, mas derivam da tensão constante entre manter a liberdade do outro e a nossa: a liberdade do outro são as grades que limitam nossa própria liberdade e vice-versa. Não posso negar a liberdade do outro para afirmar a minha. Reconhecer que a opressão não é natural, mas humana conduz ou à aceitação tácita, ou à tentativa de modificar tal situação. Evey responde aos argumentos de “V”: “ – Você tá errado! A vida é assim! É o que a gente tem que encarar!”. Em resposta, “V” afirma:

Você está numa prisão Evey. Nasceu numa prisão. Esteve numa por tanto tempo que já nem acredita que há um mundo lá fora... Isso porque tem medo, Evey. Você tem medo porque pode sentir a liberdade se aproximando. Está com medo porque a liberdade é aterradora. Não fuja Evey, parte de você compreende a verdade, embora finja não ver. Mulher, este é o momento mais importante da sua vida. Não fuja dele. Você estava numa cela, Evey, eles lhe ofereceram uma opção entre a morte de seus princípios e a morte de seu corpo. Você disse que preferia morrer. Você encarou o medo da morte e estava calma...serena. Tente sentir agora o que sentiu então. A porta da prisão está aberta, Evey. O que você sente agora é o vento de fora. Não tenha medo. (...) transfigure-se para sempre. (MOORE, 2006, p.170-174)

O personagem “V” insiste nesse ponto porque, embora a experiência de Evey na prisão tenha sido fictícia, aquilo que ela sentiu no íntimo de seu ser, foi o mais real possível. Enquanto estava preso “V” recebera de fato a carta de Valerie, da mesma forma como a

transmitiu para Evey, esperando que ela sentisse o valor da liberdade, da dignidade, não como algo imposto externamente, mas sentido como necessidade interna. O que o personagem “V” sugere é que a liberdade é um valor que deve ser preservado custe o que custar. Devemos amar e preservar no próximo a liberdade que amo e preservo em mim mesmo. Não devo negar a liberdade do outro para não ter minha liberdade negada.

Nesse contexto dito pós-moderno, Bauman nos incita a refletir sobre as condições nas quais vivemos, sempre atentando para a crescente “desumanização” das relações humanas. Evidentemente, tal reflexão é feita tendo consciência das limitações dos atos individuais em face ao contexto social no qual nos inserimos. É certo que não podemos mudar as situações ao bel prazer, mas isso não as torna imutáveis. Entretanto, colocar essa discussão em pauta já significa enxergar a problemática de outra forma, afastando-se da “tentação de converter em ‘inatingível’ o que é ‘difícil de administrar’” (BAUMAN, 2004, p. 119).

Em face da dificuldade de administrar as complexas relações humanas, nas suas várias instâncias, seja pessoal, particular, coletiva, política, etc., surge, conforme Bauman, o desejo de “fuga”, de busca por segurança e distanciamento num “abrigo”. Isso se reforça, e de certo modo, se realiza na prática em nossa sociedade, pela presença cotidiana da informática e da tecnologia. Facilidades como a internet, por exemplo, e processos geopolíticos como a globalização promovem, como jamais visto, uma aproximação maior entre locais espacialmente distantes, promovendo, em parte, à “dissolução” de fronteiras culturais. Em contrapartida, engendra um distanciamento do indivíduo da realidade imediata que o cerca. Em outras palavras, o indivíduo refugia-se numa aproximação com o global, distanciando das problemáticas do local. (BAUMAN, 2004, p.119)

Nesse movimento, a convivência concreta entre as pessoas é diminuída sobremaneira pela amizade “virtual” que se pode estabelecer com uma margem maior de segurança, de flexibilidade, no conforto de nosso lar, na frente de um computador. Por mais seguro que pareça, essa aparente “solução” é uma panaceia, pois é errôneo, de acordo com Bauman, localizar em polos opostos, tais como “global e local”, as problemáticas atuais de nossa vida. Isto porque existe uma interação latente entre decisões e processos globais com as problemáticas que vivenciamos ou podemos vir a vivenciar em nossos cotidianos. Bauman exemplifica sua tese: “quem teve de lidar com os danos causados pelo terrorismo global foram os moradores de uma cidade, Nova Iorque...” (BAUMAN, 2004, p.123).

O “fator medo” torna-se um agente poderoso, nos acompanhando diariamente, pois, nas esquinas concretas das cidades, a possibilidade de se encontrar um “estranho” é muito maior e, assim, o sentimento de “insegurança”, de estar sujeito ao que esse estranho pode vir a fazer é forte. Cada vez mais, argumenta Bauman, as cidades tomam a forma e o corpo de nossos próprios medos. É perceptível a tentativa de criar cidades quase que num molde “feudal”, “medieval”, como apreende Steven Flusty (apud BAUMAN, 2004, p. 132) que analisou certas invenções urbanísticas modernas equivalentes aos “fossos, torreões e canhoneiras das muralhas que cercavam as cidades pré-modernas”.

Uma tentativa de “esquiva” dessas problemáticas cotidianas e desse medo abstrato (mas também muitas vezes bem concreto) encontra-se na busca de grupos ou tribos urbanas. Se conhecer o outro é complicado, busco abrigo em meio aos meus “iguais”, numa espécie de “mixofobia” (BAUMAN, 2004, p.133). A realidade humana nesse contexto (pós)moderno e urbano, apresenta-se como um impasse em toda a sua ambiguidade: não podemos viver isolados em nossas “ilhas”, ao passo que a vida social, complexa, diversa, não pode simplesmente ser “descartada”. O risco é somente amar o próximo que é *igual a mim*.

Fazendo um contraponto com o universo fictício do romance gráfico “V de Vendetta”, uma das consequências nocivas da negligência quanto à reflexão de questões semelhantes àquelas que Bauman problematiza, além da falta de segurança nas cidades, da possibilidade abstrata/concreta do “outro” como um perigo iminente, é, justamente, o “fator medo”, que pode ser utilizado por “oportunistas” de toda sorte, sobretudo no domínio da política.

Face à complexidade desses questionamentos que marcam a experiência (pós)moderna, o equívoco pode ser, tal como em Alexandre, o Grande: “cortar o nó górdio”, ou seja, ir na direção da solução aparentemente mais “fácil”, mais rápida. Se as tramas da vida social se mostram complexas, se, em resposta, há uma fragmentação da sociedade civil em “tribos”, o risco da chamada “ação constrangida” é muito forte. Na trama de “V de Vendetta”, um casal, no caso, Valerie e Ruth, no mais cotidiano de sua experiência, foi atingido de maneira profunda e irreversível, na medida em que sua opção sexual fora colocada como amoral/imoral por ser diferente de uma dada maioria, não considerando a forma como elas viviam, se, de fato, haveria margem para considerá-las um real perigo à sociedade ou não.

O medo da diversidade, a reificação de certas convenções morais, o fomento ao preconceito e à intolerância, na trama do quadrinho, abriram caminho para um governo cuja influência tornou-se mais e mais forte, culminando no estabelecimento de um regime conservador, fascista e totalitário. Alimentando-se dos temores do povo, fortalecia sua ditadura, quase como se condenasse uma sociedade civil livre, composta por indivíduos livres, mais pelo que ela pudesse vir a fazer, do que pelo que ela já havia feito de si mesma. A ação livre da sociedade civil em escolher seu(s) destino(s) é que era negada resolutamente.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, acreditamos que nosso trabalho pode contribuir na compreensão da reflexão proposta por Bauman, na medida em que, fazendo um contraponto com um produto cultural mais “popular”, buscamos indicar a aplicabilidade de suas teses para se (re)pensar nossa experiência histórica, nesse contexto dito (pós)moderno, a partir da articulação entre teoria e ficção.

Procuramos esboçar um diálogo que pontuasse, ainda que de maneira incipiente, algumas possíveis abordagens das “Graphic Novels”, ou seja, das histórias em quadrinhos, como fonte de pesquisa histórica no âmbito dos estudos culturais, apontando, como possibilidades iniciais, o diálogo entre esse tipo de produto cultural, e, por isso mesmo, de registro histórico, com autores como Chartier e Ginzburg, além de que, pela apresentação da trama do quadrinho, ressaltamos que esse tipo de “romance gráfico” é fértil em problematizações históricas, posto que suas temáticas abordam temas adultos, quebrando o (pre)conceito de que toda história em quadrinho deve ser “necessariamente” infantil.

Em nossa interpretação, a Graphic Novel “V de Vendetta” consegue captar e representar com bastante fecundidade as tramas e os dramas de nossa vida dita pós-moderna, tanto em questões mais cotidianas, como nas mais coletivas. Ao mesmo tempo em que há uma maior diversidade em nossa sociedade, há também forte tendência ao radicalismo e intolerância. Como registro humano, as histórias em quadrinhos podem ser problematizadas pelo historiador como fonte histórica por nos colocar em contato com sensibilidades específicas que infelizmente ainda encontram-se presentes na sociedade.

Objetivamos ressaltar como, na ótica de Bauman, refletir sobre as dificuldades de “amar ao próximo” implica em dilemas morais e como a negação ou a fuga dessa reflexão não

elimina essa problemática de nosso cotidiano, pois não podemos viver no solipsismo quando o outro se apresenta como parte essencial de nossa própria constituição enquanto seres humanos, sociais e históricos.

Acreditamos que articular as teses de Bauman, por complexas que sejam, com o argumento de Alan Moore, escritor do “romance gráfico” “V de Vendetta”, foi pertinente, entre outras questões porque, como afirma Bauman, o amor ao próximo é mais do que um instinto de sobrevivência, devendo-se basear no reconhecimento, em nós mesmos, de algo que encontramos também no outro (sua singularidade), ou seja, de algo que, amando e preservando em mim mesmo, eu tenha que amar e preservar no outro, e vice-versa.

No argumento do quadrinho, o personagem “V” amava em si mesmo a liberdade (de ressignificar-se, de ser sujeito ativo na (re) construção da história e da sociedade que integrava) e, por consequência, amava essa liberdade do/no outro. Lutava em defesa de sua liberdade e assim, lutava pela preservação da liberdade do outro. Afirmava sua liberdade sem negar a liberdade do outro, combatendo, sim, aqueles que negavam a liberdade de todos. Em suma, são questões complexas, cuja reflexão que esboçamos aqui não esgotaram. Na esperança de fomentar novas reflexões, aqui concluímos nosso trabalho.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José d'Assunção. **O Campo da História: Especialidades e Abordagens**. Rio de Janeiro. 6ª Edição. Editora Vozes, 2009.

BAUMAN, Zygmunt: **Sobre a Dificuldade de Amar ao Próximo**. In Amor Líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004, p.97-142.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural Entre Práticas e Representações**. Difel, 1992.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. São Paulo. Devir Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo. Martins Fontes, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História**. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **O Queijo e os Vermes: O Cotidiano e as Idéias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição**. São Paulo. Companhia das Letras (Coleção de Bolso), 2006.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando Quadrinhos**. São Paulo. Makron Books, 1995.

\_\_\_\_\_. **Reinventando Quadrinhos**. São Paulo, M. Books do Brasil Editora Ltda, 2006.

\_\_\_\_\_. **Desenhando Quadrinhos**. São Paulo, M. Books do Brasil Editora Ltda, 2008.

MOORE, Alan. **V de Vendetta**. Rio de Janeiro. Editora Panini Comics, 2006.

RAMOS, Paulo. **A Leitura dos Quadrinhos**. São Paulo. Editora Contexto. 2009.

\*\*\*

Artigo recebido em março de 2015. Aprovado em julho de 2015.